

AduFRJ

NAS ELEIÇÕES 2018

A tensão eleitoral de 2018 ganhou contornos dramáticos nos últimos dias com o esfaqueamento do deputado Jair Bolsonaro e com a impugnação do líder das pesquisas, ex-presidente Lula. Para analisar os cenários que se avizinham e os impactos na economia e no futuro do país, a Adufrj convidou dois renomados pesquisadores da UFRJ. O professor Jairo Nicolau, cientista político, examina os principais eixos da disputa presidencial. Docente do Instituto de Economia, Carlos Frederico disseca os desafios econômicos do próximo presidente. A newsletter **Adufrj nas Eleições** é semanal, sempre com dois artigos inéditos de professores da UFRJ. Boa leitura!

Artigo

CARLOS FREDERICO ROCHA

Professor do Instituto de Economia da UFRJ

A Economia Política do Déficit

O enfrentamento do déficit fiscal e o tratamento à Emenda Constitucional do Teto dos Gastos (EC95) estão entre os grandes desafios que se impõem ao presidente que será eleito no próximo pleito. Até mesmo o Banco Mundial reconhece a impossibilidade de cumprimento da EC95, mas também há consenso, mesmo entre economistas de esquerda, que há a necessidade de acenar com uma trajetória de estabilização da relação dívida-PIB.

O setor público incorre em déficit sempre que as despesas superam as receitas. As despesas são divididas entre aquelas associadas ao funcionamento do governo – salários e aposentadorias (privadas e públicas), custeio e investimento – que denominaremos de resultado primário, e os juros referentes à dívida pública. Em contrapartida, as receitas são dependentes da carga tributária e do nível de atividade da economia. O exame do programa dos presidenciais deve, então, levar em conta a composição do ajuste entre

despesas e receitas e o posicionamento quanto à EC95.

Amoêdo, Alckmin e Bolsonaro sugerem um ajuste integral pelo lado das despesas e não mencionam a EC95. Os cortes se dariam mediante: i) uma reforma da previdência que desvinculasse o benefício base do salário mínimo, aumentasse a idade mínima e levasse o sistema paulatinamente para a capitalização; ii) o congelamento dos salários de servidores públicos; iii) redução dos gastos em saúde, educação e outras atividades governamentais; e iv) fim das desonerações fiscais.

Marina, Ciro, Boulos e Lula/Haddad explicitamente mencionam a suspensão da EC95. Marina propõe um novo limite para o crescimento dos gastos de 50% do PIB. Lula/Haddad, Boulos e Ciro indicam a simples suspensão do teto. Nesses casos, o ajuste se daria pelo lado da receita, propondo-se um aumento da carga fiscal, baseado em taxa sobre lucros e dividendos à pessoa física, à herança e às grandes fortunas. Propostas mistas, que envolvem o fim de parte das desonerações, também existem.

No final, a conta parece ser bem simples. Se as variáveis de gasto pesarem mais, os cortes afetarão programas sociais importantes e terão impacto negativo sobre o emprego, dificultando inclusive o ajuste pelo lado do crescimento do PIB. A conta terá sido, então, paga pelos mais pobres, ainda que aqui e acolá tenha um discurso sobre segmentos privilegiados do funcionalismo. Todos os candidatos que optam por essa trajetória mencionam a tentativa de redução do tamanho do Estado na direção de uma sociedade guiada pelos preços definidos no mercado. Se o ajuste recair sobre a receita, sofrerão segmentos rentistas e aqueles que vivem de rendas do capital. Os candidatos que defendem esse tipo de ajuste trabalham por uma trajetória de consolidação do Estado de Bem-Estar. Incentivos vindos do mercado tenderão a ter um papel menor.

Assim, a necessidade de estabilização do endividamento não parece gerar discordâncias, mas o tipo de sociedade que teremos nos próximos vinte anos. Trata-se da economia política das contas públicas.

FERNANDO SOUZA



Artigo

JAIRO NICOLAU

Cientista político, professor do Departamento de Ciência Política do IFCS/UFRJ

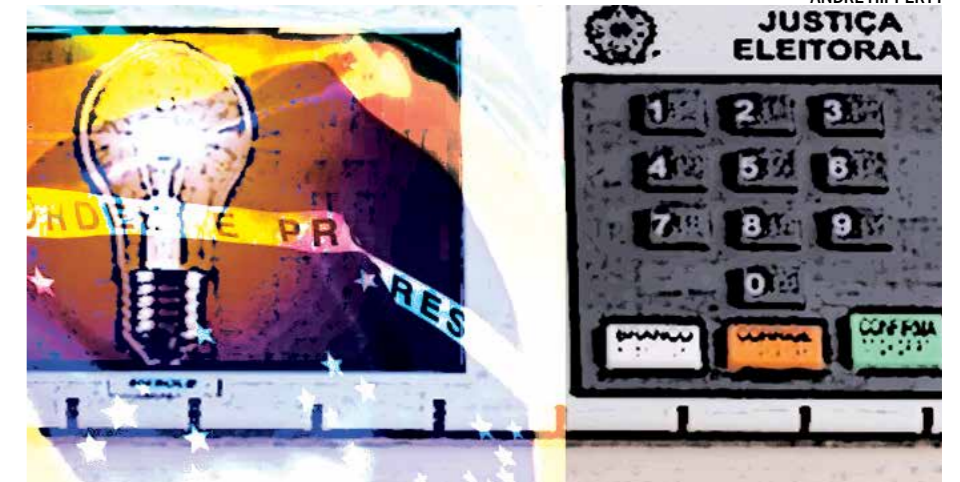
Ilusões Apagadas

A pedido da Adufrj, o professor Jairo Nicolau analisou eixos que ajudam a compreender esta eleição – “a mais confusa desde a redemocratização”.

LULA - é uma eleição sem o Lula, mas não é sem o Lula. Vamos ver o que isso significará. Até que ponto e em que velocidade o candidato indicado por ele consegue crescer a ponto de se tornar competitivo? Algumas pessoas acham que é como colocar uma mangueira e ela transfere (os votos) automaticamente, como se fosse inercial. Não acho que seja tão automática a transferência. Tem as complexidades do Brasil, complexidades regionais, o fato de o PT não estar no governo, não ser uma eleição plebiscitária, uma série de fatores.

BOLSONARO - essa não seria uma eleição diferente de 2002, que teve Garotinho, Ciro, PT e PSDB, ou da última, com Marina. A grande diferença é a presença do Bolsonaro. É um fenômeno de opinião extremamente importante, que fala não só dele, mas da sociedade. Reflete a crise dos grandes partidos, cada um à sua maneira, PT, PSDB e MDB. A crise de certa maneira facilitou a ascensão de um candidato com um discurso antigo e antipolítico, que agradou ao eleitor. Antes se acreditava que Bolsonaro começaria na frente e não avançaria. Vi que ele, para minha surpresa, havia entrado em segmentos que eu não imaginava, de classe média alta. Tem uma base com lastro mais forte.

DIREITA - O Brasil mudou. Há hoje uma opinião conservadora mais organizada, intelectuais e livros de direita. Há alguma mobilização de lideranças militares hiperconservadoras, um movimento no campo dos costumes liderado por figuras do mundo evangélico. Bolsonaro expressa um sentimento da opinião pública de direita e ultradireita



que não existia no Brasil com tanta força e que por inércia acabava apoiando o PSDB. É a primeira eleição em que existe uma direita que não tem pudor de se apresentar, e as forças de direita têm um candidato.

ATENTADO - com o atentado, Bolsonaro recebeu uma visibilidade gigantesca, ainda não mensurada. Isso gera efeito imediato de crescimento da popularidade. Em 2014, Eduardo Campos teve aquele acidente, e Marina começou a subir. Foi o reflexo da comoção. Teve o efeito dessa reação emocional, de solidariedade. É inevitável. Ainda que possa perder daqui pra frente, digamos que seja um efeito circunstancial, mesmo assim dá a ele uma capacidade muito grande de garantir o lugar no segundo turno. Vamos raciocinar probabilisticamente: a probabilidade de ele estar no segundo aumentou para 95%. Quem imaginaria um atentado ao Bolsonaro como fator surpresa numa eleição dessas?

ILUSÕES APAGADAS - a singularidade dessa eleição é que a gente não está atrás da terceira via, é que nem a primeira nem a segunda se consolidaram. Tradicionalmente havia uma disputa



REPRODUÇÃO

ANDRÉ HIPPERT

PT x PSDB – desde 1994, e os terceiros que tentavam, ou quartos, tiveram dificuldades de se consolidar, como Marina e Ciro. Agora não tem primeira via nem segunda. Na ponta do lápis, Alckmin e Haddad não têm nem 15 pontos. É a eleição mais confusa de toda a história desde 1945. Era um Brasil diferente, três ou quatro candidatos concorrendo, forças mais ou menos definidas. Esta é muito indefinida. Uma eleição de ilusões apagadas.

MULHERES - podem ser fundamentais para deixar Marina numa posição competitiva. Dilma foi melhor entre as mulheres, mas não conseguiu mobilizar mulheres como força. É um ponto a ser acompanhado, gênero e voto.

REDES SOCIAIS - Cada vez mais o horário eleitoral tem audiência declinante, perde relevância e tempo. Perdeu a centralidade. Por outro lado, há uma campanha fortíssima nas redes, twitter e facebook. O whatsapp é o grande enigma – democratizou o acesso às redes para os eleitores mais pobres, mais velhos, menos escolarizados. A dúvida é se pode ou não substituir ou pelo menos dar aos eleitores uma forma de comunicação fora do espaço eleitoral.